

O LIVRO, A CONSTRUÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL NA ERA DA INFORMAÇÃO

*Valdir Jose Morigi**

*Elisabeth Brentano***

Resumo: Este artigo reflete sobre o lugar do livro, como suporte de informação e comunicação de massa, na construção e preservação da memória social na Era da Informação. Buscou-se identificar os novos suportes de informação e verificar de que forma o livro convive com as novas tecnologias digitais. A partir da pesquisa documental sobre o tema concluiu-se que sua função na contemporaneidade continua sendo de um importante suporte disseminador de informação e responsável pela preservação da memória social. O livro e as tecnologias digitais convivem como instrumentos complementares das ações do homem no processo de construção, e também na preservação da memória social dentro do contexto cultural em que estão inseridos.

Palavras-chave: Informação e memória; memória social; memória coletiva; livro; tecnologias digitais.

Abstract: This study tries to make a reflection about the role of the book as a form of support to mass information and communication in the construction and preservation of social memory in the Information Age. We tried to identify the new types of information support, as well as verify how the book acts together with the new digital technologies. From documental research about the subject, we may

* Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Informação da FABICO/UFRGS. Bacharel em Ciências Sociais/PUC/RS, Bacharel em Biblioteconomia/UFPB, Mestre em Sociologia Rural/UFRGS. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

** Bacharel em Biblioteconomia/UFRGS.

conclude that the book is still being used as an important disseminating support of information and it is responsible for the preservation of social memory. The book and the digital technologies act together as supplementary tools for the actions of man in the construction and preservation processes of social memory, inside the cultural context in which they are inserted.

Key words: Information and memory; social memory; collective memory; book; digital technologies.

1 Introdução

Na contemporaneidade, com o desenvolvimento das tecnologias digitais, os suportes de informação foram afetados da forma mais inédita e radical desde o surgimento da imprensa. Atualmente, as tecnologias eletrônicas permitem que a circulação e a troca de informações ocorra de forma veloz, encurtando o tempo e a distância entre emissores e receptores de informação, permitindo que estes interajam uns com os outros como se estivessem próximos, face a face. Por meio da mediação tecnológica, a informação transformou-se em uma moeda de troca, envolvendo diversos processos desde a sua produção, armazenamento, transmissão e uso.

Por outro lado, o ser humano sempre procurou formas de registrar e transmitir suas experiências e conhecimentos, e a narrativa oral foi uma das formas de registro encontrada por ele. Nas sociedades orais, a história dependia da memória humana associada ao manejo da linguagem, na qual o narrador adaptava sua história às circunstâncias, aos interesses e aos conhecimentos de seu público. Seus membros utilizavam ferramentas como a narrativa e a dramatização para contar histórias e transmitir as suas experiências de vida. Nessas culturas, compostas por memórias humanas, as representações que sobreviviam eram aquelas que envolviam as relações de causa e efeito carregadas com uma forte carga emotiva, pois a transmissão oral era ligada direta e ininterruptamente por relações pessoais.

A revolução da escrita foi a primeira das grandes revoluções da comunicação na história da humanidade, pois por meio das gravuras rupestres, das tábuas de argila, dos pergaminhos e do papel possibilitou-se ao homem uma maior autonomia para interpretar o mundo. Com a invenção e o desenvolvimento do alfabeto, a humanidade passou a registrar e a comunicar idéias por meio de símbolos visuais. Conforme nos esclarece Lévy (1993, p. 95), “[...] é neste período que acontece a objetivação da memória que separa o conhecimento da identidade pessoal ou coletiva [...]”. A partir do momento em que se registra o pensamento em formas que lhes são externas, estabelece-se um sentido de tempo histórico.

A invenção da imprensa por Gutemberg possibilitou uma crescente explosão de títulos impressos, tornando o documento escrito um instrumento de difusão, preservação e registro do pensamento. O documento escrito e impresso reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço, desempenhando um papel fundamental de permanência dos fatos na história (Mcgarry, 1999).

Nesse contexto, o livro destaca-se como suporte de informação e como um meio de construção e preservação da memória social. Na edificação da cultura ocidental, os livros, a princípio, tinham apenas a função de apoio *mnemotécnico*. Com a invenção da imprensa, que permitiu um grande número de livros, eles passaram a ocupar um importante papel social nas sociedades. O livro passou a desempenhar também o papel da construção e preservação da memória coletiva. O crescimento exponencial do número de livros também estimulou o aparecimento de bibliotecas, arquivos e museus, que contribuiu de forma decisiva para a sedimentação da memória social (Le Goff, 1996).

A partir dessas considerações, procurou-se refletir sobre o papel do livro na construção e preservação da memória social na era da informação.

2 O livro, uma breve história

A história do livro tem cerca de seis mil anos. Ele foi o primeiro suporte de informação e comunicação de massa e, ao longo da história, foi adquirindo diferentes formatos. Desde o suporte de barro, na remota Suméria, passando pelo papiro dos egípcios, pelo pergaminho dos judeus, pelo papel de trapos (papel feito de tecido) dos árabes, e o de nossos dias, confeccionado em papel de celulose, o livro, apesar de ter sua forma variável ao longo dos milênios, manteve-se como um porta voz do pensamento humano. Dela da leitura de seus registros, recupera-se a memória de uma cultura (Campos, 1994).

Esses registros são os chamados materiais da memória, que são qualificações de vestígios, imagens ou relíquias por meio das quais é possível estabelecer uma relação com o passado. Esses materiais são parte do patrimônio de um povo e servem como um elo entre o presente e o passado dando um sentido de continuidade. São representadas pelos monumentos, obras de arquitetura ou escultura, e pelos documentos, testemunhos escritos com palavras, signos ou imagens. Os monumentos são a edificação da história enquanto os documentos respondem às necessidades de comunicação entre as culturas. Assim, todo monumento é um documento, e os livros reproduzem por escrito aquilo que os homens memorizavam através dos monumentos (Le Goff, 1996).

Nessa perspectiva, o livro pode ser definido como sendo documento-monumento, um dispositivo pelo qual uma civilização grava, fixa, memoriza, para si e para futuras gerações, o conjunto de seus conhecimentos, suas crenças, ideais e experiências. Mais que um objeto, o livro é uma entidade que institui valores comunitários e identidades grupais e individuais. Ao lermos um livro, estamos compartilhando valores e assimilando as idéias da sociedade que o criou.

Neste início de século, o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação potencializou vários impactos sociais, interferindo na maneira de viver individual e coletiva, em que a velocidade e a globalização da informação alterou as formas de fluxo e recepção do conhecimento gerando então um novo suporte de informação: o computador com todas as suas possibilidades de armazenamento e manipulação da informação. Nesse contexto, no qual um grande número de atividades e funções humanas passaram a ser mediadas pela informática, o livro e a sua função também precisaram ser redimensionados, adaptando-se a esse novo suporte.

É a nova realidade virtual, que deve ser compreendida como um processo de transformação de um modo de ser em outro. O livro, em sua nova versão, não está em papel impresso, mas se encontra na internet onde pode ser acessado em qualquer língua, em diferentes lugares e por diversas pessoas ao mesmo tempo. O livro, na versão eletrônica, em CD-Rom, pode ser lido em microcomputadores, de mesa ou portáteis. Em formato digital, na forma de e-book, a escrita pode ser visualizada através de um computador associado a um equipamento informático especificamente desenhado para a leitura de livros desta natureza.

Esse processo de mudança trouxe inquietações e preocupações, pois o computador pode afetar o livro de duas maneiras distintas, a primeira apenas reproduzindo-os no meio eletrônico, em lugar da página, uma tela. A segunda maneira constitui-se na possibilidade de modificá-lo de forma radical, transformando-o em hipertexto. Uma nova realidade onde o leitor tem a possibilidade de construir um texto novo a partir de fragmentos recortados e reunidos de uma escrita. Ele pode a todo instante intervir sobre os textos, modificá-los, reescrevê-los, fazê-los seus (Bellei, 2002).

Conforme essa abordagem, a revolução do texto eletrônico traz uma transformação radical nos modos de organização, estruturação e na formas do suporte que transmite a informação. Essa mudança traz sérias preocupações pois interfere na noção de direito autoral, *copyright*, entendido como um direito à propriedade de um autor sobre o original de uma obra, que se perde com os atuais modos de acesso e de constituição das bases de dados.

Com ou sem internet, a permanência do livro sofre duras críticas e, mesmo que a história cultural nos mostre que um veículo não substitui outro, ele divide a opinião dos estudiosos. Conforme lembra Campos (1994, p. 221), um dia talvez “[...] o livro venha a ter sua forma atual substituída por outra, mais rápida e mais barata, mas seguirá sendo livro, como foi o *códex* em substituição ao *volumen* (livro em formato de rolo) [...]”. Para Machado (1994, p.212), dentro de mais algum tempo, “[...] muitas bibliotecas não terão sequer um único livro impresso para expor em suas prateleiras, uma quantidade cada vez maior de livros é editada em videocassetes, em disquetes ou em CDROMs, o movimento nesse sentido é irreversível [...]”. Independente das discussões sobre o futuro do livro, o que a história nos mostra é que a era informacional é resultado do livro e do saber readquirido através dele por leitores inventivos e criadores.

Hoje, o livro responde às necessidades culturais do indivíduo, e sua permanência, na sociedade do futuro, deve-se não só a tudo o que ele, historicamente, representou, mas também porque a mensagem de um livro, seja racional, prática ou emocional, é sempre de

ordem intelectual. O livro durará na forma que assumiu há vários séculos, porque sempre haverá alguém que prefira a intimidade com o autor através de suas páginas. O acesso e a facilidade das tecnologias digitais em armazenar e transmitir as informações não conseguem produzir a mesma satisfação pessoal, intelectual e estética de ter, poder tocar, manusear e ler os livros. A leitura, nesse contexto, configura-se não apenas como um processo cognitivo de compreensão de sinais e símbolos, mas como parte do processo de conhecimento, de constituição de identidade individual e social, pois não se fala de um mundo de leituras sem pressupor uma leitura do mundo.

3 O livro e a memória social na era da informação: construção e preservação

Os elementos básicos formadores do processo de comunicação são o contexto histórico, os suportes de informação e o homem. A informação documentária pode estar contida em qualquer coisa que o ser humano desenhe, pinte, escreva ou transmita através de outros meios. A linguagem, os signos e os símbolos não formais são criadores de um sistema de ordenação da memória social. O poder da fala, das imagens e da escuta são ferramentas da mente para armazenar o conhecimento e as idéias.

O processo de transmissão da cultura, de uma determinada sociedade, de uma geração à outra acontece através de ferramentas de informação, que, ao longo da história, foram se adaptando para acompanhar as etapas de desenvolvimento contínuo da sociedade. São as etapas da oralidade, da escrita (da imprensa) e da eletrônica. Essas etapas abrangem um longo processo de adaptação, invenção e inovação. Segundo McGarry (1999, p. 65), “[...] estas etapas não possuem pontos exatos de inflexão no tempo, porque apesar da fase oral ser considerada a primeira, ela existe na contemporaneidade mais forte do que nunca [...]”.

Para Lévy (2000, p.17), a humanidade desenvolveu três tipos de relação com o saber. Na oralidade, o saber era um ritual místico. O autor cita um ditado popular africano que afirma: “quando um velho morre, é uma biblioteca que pega fogo”. O segundo tipo de relação é a escrita, o saber contido no livro, onde o conhecimento é representado pelo intérprete. Com o advento da imprensa, surgem as bibliotecas, onde a informação remetia de um livro a outro. O último tipo de relação com o saber está ligado, na contemporaneidade, às tecnologias de informação e comunicação, onde o conhecimento se encontra no espaço cibernético.

Esse processo de desenvolvimento contínuo das ferramentas utilizadas no armazenamento e na transmissão de informações também representa as mudanças por que passaram seus criadores. É importante assinalar que essas etapas não possuem pontos exatos de temporalidade. Uma nem sempre substitui totalmente a outra. Elas podem coexistir de forma complementar. Na atualidade, são suportes todos os materiais que trazem informação e transmitem o conhecimento, como as fontes bibliográficas, as organizações, as pessoas, a fotografia, a música, a internet e qualquer suporte que preencha uma lacuna ou necessidade que está diretamente ligada às exigências de saber do indivíduo (Levy, 1993).

As concepções de identidade cultural vêm transformando-se ao longo do processo de desenvolvimento do homem. O uso das tecnologias eletrônicas tem propiciado uma nova concepção de memória, favorecida pela digitalização de informações e imagens e também pela suposta capacidade “sem fim” de armazenamento de dados. Essa capacidade infinita da ampliação da memória – embora contraditoriamente destituída de lembranças – nega o homem como suporte de sua memória.

A memória eletrônica está sendo forjada com base no saber informatizado e encontra-se quase que totalmente objetivada em dispositivos técnicos. Conforme Lévy (1993, p. 119), “[...] A memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade [...]”. Para o autor, ela está calcada em modelos, antigas teorias, que não estão escritos no papel, mas que pertencem à dinâmica de um computador. Um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto tradicional, ele é explorado de forma interativa e será útil, eficaz ou pertinente conforme a necessidade do usuário. Ou seja, a verdade crítica, nessa nova ênfase, está voltada mais para os fatores que possam intervir na avaliação de um modelo. Segundo essa abordagem, os conhecimentos adquiridos com a ajuda de programas de simulação, programas com capacidade para simular o ambiente e suas reações podem ser separados dos indivíduos e da coletividade que os haviam produzido, depois recompostos, modificados, comparados e difundidos livremente. Essas tecnologias oportunizam uma memória informacional computadorizada, como aquela capaz de acumular, homogeneizar e traduzir a memória social (Levy, 2000). Entretanto, em qualquer tempo, a memória é evocação do passado. Lembrar e esquecer são componentes do processo de atualização do passado. É a memória, através das lembranças, que dá existência ao indivíduo em um contexto cultural. Contida em uma máquina, ela se torna virtual e se afasta do indivíduo. Nesse caso, a memória encontra-se objetivada em dispositivos automáticos. Ela acumula registros, diferente da memória humana, na qual são necessárias conexões, ligações afetivas para que as lembranças ganhem sentido.

Conforme Ribeiro (2003, p. 17) nos explica:

Confrontamo-nos com uma nova possibilidade de memória que não é aquela calcada na tradição dos documentos e da oralidade, como também na seleção e no esquecimento, mas sim, a que oferece, pela rede, a capacidade da democratização das informações e de realização plena de um novo humanismo através das novas tecnologias da informação.

O autor nos permite reconhecer que a informática não é apenas tecnologia; trata-se de uma nova linguagem, capaz de oferecer uma memória informacional automatizada, introduzindo mudanças na construção da memória do homem contemporâneo e construindo um novo sentido para a individualidade. Nesse contexto, a construção da identidade cultural da sociedade passa a conter múltiplas idéias, incluindo, sem hierarquia, histórias de vida dos indivíduos de todos os segmentos da sociedade, no qual a história de cada um será a construção do coletivo. O resultado será uma memória social construída a partir da diversidade (cultural, social e individual), pois as tecnologias digitais podem potencializar a criação de um espaço democrático, descentralizado e aberto para a construção e preservação da memória social.

O livro continua fazendo parte da construção dessa memória social. Ele tem, na contemporaneidade, não apenas o papel de formador de culturas homogêneas, mas de um instrumento para a construção de identidades múltiplas, segundo a lógica da universalização da cultura. Nesse processo, visto que essa globalização está voltada mais para o mercado econômico do que para a construção de uma igualdade social, o livro, em qualquer que seja a sua forma, mantém seu papel de registrar os valores que definem o espírito humano: a linguagem, a imaginação, a justiça e a busca de igualdade no acesso às informações.

A convivência de forma racional e combinada entre o livro e os diversos suportes do conhecimento disponível na atualidade é fundamental, pois segundo Del Corral (2000, p. 134), “[...] cada uma destas ferramentas desempenha um importante papel na democratização do pensamento crítico e também na construção da diversidade cultural [...]”, para assegurar aos indivíduos e à sociedade da informação um futuro com memória. São reconhecidos a dificuldade e os perigos associados ao caráter efêmero das informações digitais, devido às dificuldades de sua conservação. No contexto eletrônico deve-se considerar, além da preservação física dos meios (disquetes, fitas, CD’s, etc.), também a necessidade de migração dos formatos codificados, porém ultrapassados, ou a capacidade de re-interpretação no futuro dos formatos armazenados (formatos de texto, base de dados, etc.).

Com efeito, o mundo digital é, essencialmente, um mundo de mudanças e de constante dinâmica onde a tecnologia está em permanente mutação, sendo o ambiente e os objetos digitais sujeitos a revisões e atualizações. A conservação digital, porém, não se limita à questão de selecionar o que deve ser preservado. Ela está relacionada com uma multiplicidade de questões ligadas às técnicas, aos custos, às estratégias e às responsabilidades políticas. Essas preocupações também se estendem à preservação do livro impresso, tanto na qualidade de sua matéria-prima quanto no seu uso e armazenamento. O trabalho de conservação deve ser uma medida preventiva, de forma que os objetos digitais e os documentos fiquem ao abrigo de diversos fatores de destruição naturais e artificiais, para que possam servir à pesquisa e ao enriquecimento informativo e cultural.

4 Tecnologias digitais e a memória eletrônica

Na contemporaneidade os novos suportes da informação são representados pelas tecnologias digitais. É o processamento da informação via computador que utiliza a memória eletrônica. A grande revolução que essa tecnologia trouxe foi a nova concepção de tempo-espaco. As informações digitais e em rede podem ser compartilhadas e repassadas ao mesmo tempo para todos os cantos do planeta. Essas novas possibilidades de armazenamento e busca da informação motivaram iniciativas de transportar para o mundo digital as grandes bibliotecas e as coleções, desterritorializando e facilitando a interação do usuário com a informação em tempo real (Lévy, 2000).

A comunicação mediada por computador em suas modalidades síncronas (bate-papos) e assíncronas (lista de discussão, correio eletrônico, fóruns) permite a utilização de ferramentas para a produção da escrita, a comunicação a distância, o estabelecimento de relações (links) e a construção do saber. É a prática, em rede, de um novo paradigma de pensamento coletivo e cooperativo onde o volume de informação disponibilizado é gigantesco. O computador sobrepõe diversas mídias (televisão, telex, rádio, telefone, livro, gravador, cinema, vídeo, fax) em um sincronismo de formas e linguagens (oral, verbal, iônica), sem se reduzir a nenhuma delas (Lévy, 1993). A partir das escrituras hipertextuais, o escritor, o cientista, o usuário especializado não escrevem textos, eles processam idéias.

A internet, a partir dos seus usos, torna-se um instrumento capaz de modificar o comportamento humano. É por meio de sua ação que novos valores, saberes e conhecimentos passam a circular virtualmente. Ela é uma tecnologia dentro de um contexto cultural passível de modificar os hábitos, as preferências e os estilos de vida das pessoas. O grande paradoxo nesta era das tecnologias digitais reside no fato de que, ao mesmo tempo em que a era digital acelera a democratização na construção da memória social, ela simultaneamente a desenha para o esquecimento. Conforme Bellei (2002, p.139), “[...] a nova tecnologia não é apenas uma ferramenta que produz certos efeitos, mas é também um agente capaz de modificar a conduta do homem, afetando-o com a atrofia da verdadeira memória, que é interna[...]”. A capacidade seletiva, uma das mais importantes funções da memória, vem sendo “esquecida”. A dinâmica da informação é muito acelerada, o que hoje é conhecimento amanhã já tornar-se obsoleto, e, com isso, o homem contemporâneo se vê impelido a consumir a informação de forma acrítica. Conforme o autor, nesse contexto o homem sofre, não por falta, mas por excesso de informação.

O livro também é uma tecnologia que armazena conhecimentos, sendo, portanto, um instrumento que afeta o comportamento de seus usuários. Entretanto, no pólo oposto das tecnologias eletrônicas, confere aos homens a capacidade para a leitura crítica das informações. Sua função primordial é conferir ao pensamento da sociedade poder de penetração e disseminação, sendo um recurso da memória que permite ao indivíduo e à sociedade compreenderem suas transformações, aproximando-os das culturas, do conhecimento e do pensamento de seus semelhantes (Del Corral, 2000).

5 Considerações finais

A história do livro é a história registrada da humanidade com seus tropeços e com suas conquistas. Falar no fim do livro impresso, supostamente pela substituição dos novos meios eletrônicos, significa falar em perda ou mudança de um objeto precioso, mágico, que se transformou em um repositório de tudo o que de melhor foi feito pelo homem nas artes e nas ciências. Conforme as abordagens expostas, o livro está e continuará infinitamente vivo. As tecnologias digitais vieram para dinamizar e democratizar as informações, sendo grandes aliadas do livro na busca de conhecimento.

A permanência do livro como suporte da memória social pode ser justificada de várias formas. Em primeiro lugar, porque a história mostra-nos que a chegada de uma nova tecnologia não acaba necessariamente com a outra já existente. A fotografia não acabou com a pintura, ao contrário, libertou-a. O cinema não eliminou o teatro assim como a televisão não substituiu o cinema. O livro continua presente na atualidade. Ele já possuiu diferentes formatos, desde o antigo volume até o moderno *pocket* (livro de bolso), sempre se redimensionando aos inventos tecnológicos e se adaptando às necessidades de seus usuários, além de um suporte solidário no processo de construção da cultura das sociedades.

Em segundo lugar, a leitura de um livro de papel parece ser algo insubstituível, magnífico porque produz prazer. Insubstituível porque manusear e manter o contato com suas folhas, com sua tecitura e com seu cheiro peculiar é um fenômeno único. Magnífico porque possibilita uma relação afetiva entre o leitor e a obra. O ato de ler um livro é prazeroso porque seu conteúdo pode levar a sonhar, imaginar e viajar pelo universo da história com o privilégio de poder escolher a hora e o local da leitura. É evidente que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes e operantes em nossas vidas, que o livro digital já é uma realidade, como também são claros os benefícios que a informática trouxe, mas tudo isso não significa que devemos “deletar” toda a história do livro impresso.

São necessárias ações de preservação dos tradicionais e dos atuais suportes nessa nova realidade para, dessa forma, garantir a sobrevivência da memória social, possibilitando aos diferentes grupos documentar suas histórias de vida e preservar o enorme acervo vivo dos modos de viver que a humanidade criou. Essas ações, de ordem técnica e política, devem estar voltadas, entre outras coisas, para a qualidade do papel utilizado na confecção dos livros impressos, no planejamento educacional de como manusear os livros e também na permanente atualização dos suportes tecnológicos.

Por fim, não há como negar que a globalização tem acentuado a pobreza e mostrado que o avanço tecnológico se dá em diferentes níveis da sociedade. A grande luta nestes tempos de universalização não se restringe a conquistar novos leitores, mas a que este novo modelo não os deixem isolados, já que o que se globaliza é a informação, e não as pessoas. As discrepâncias sociais e econômicas criaram enormes barreiras ao acesso a essas tecnologias pelos grupos menos favorecidos da sociedade, o que, nesse contexto de solidão global, torna a presença e a socialização do livro ainda mais pontual.

Cumprir lembrar que a verdadeira evolução de uma cultura tem sua essência na democratização da informação e dos meios de aprendizagem. A era informacional não é inimiga do livro, ela tem como aliada as novas tecnologias para universalizá-lo.

Referências

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Instituto Estadual do Livro, 1994.

DEL CORRAL, Milagros. **O livro tem futuro?: a cultura do livro na era da globalização**. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 142, p. 125 – 134, jul./set. 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. A emergência do cyberspaço e as mudanças culturais. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Orgs.). **Cyberspaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201 – 213, mai./ago. 1994.

MARTINEZ, Tomás Eloy. **El libro em tiempos de globalizacion**. Disponível em <<http://www.ifla.org/IV/ifla70/prog04.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2004.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. **Memória e contemporaneidade**: as tecnologias da informação como construção histórica. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/01.shtml>>. Acesso em: 18 ago. 2004.

